

**Portugal e Bulgária:
aproximação (im)possível dos
extremos**

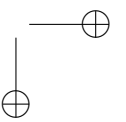
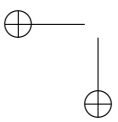
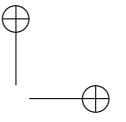
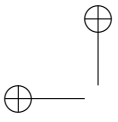


Zlatka Timenova-Valtcheva

CLEPUL

2012

www.lusosofia.net





LUSO Sofia:press

Lisboa, 2012

FICHA TÉCNICA

Título: *Portugal e Bulgária: aproximação (im)possível dos extremos*

Autor: Zlatka Timenova-Valtcheva

Colecção: Artigos LUSOFONIAS

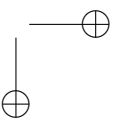
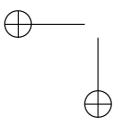
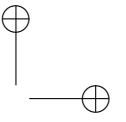
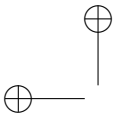
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

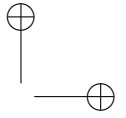
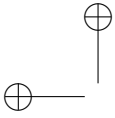
Composição & Paginação: Luís da Cunha Pinheiro

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Lisboa, fevereiro de 2012

ISBN – 978-989-97458-6-5



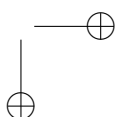
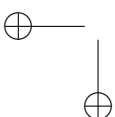


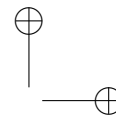
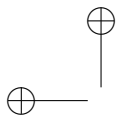
Portugal e Bulgária: aproximação (im)possível dos extremos

Zlatka Timenova-Valtcheva
CLEPUL

Pensar o mundo contemporâneo em termos de extremos, limites, distâncias parece algo anacrónico. De facto, os extremos unem-se, as distâncias anulam-se, o espaço e o tempo reduzem-se num ponto. O *eu* e o *tu* estariam em contacto, rápido, fácil, porém não necessariamente em comunicação. A pós-modernidade suprime a distância física, corporal, mas as diferenças históricas, sociais, económicas e culturais permanecem. Para comunicar e viver num mundo globalizado, precisamos de conhecer e assumir estas diferenças. A rede global proporciona a facilidade de um conhecimento sem limites, mas impessoal.

Neste contexto de reflexões, a obra do Excelentíssimo Senhor Luiz Gonzaga Ferreira, Ex-Embaixador de Portugal na Bulgária, possui o valor indiscutível de testemunho bem documentado, por um lado, e, por outro lado, autêntico, no sentido de oferecer uma posição pessoal e assumida perante os factos relatados.



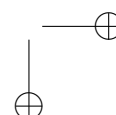
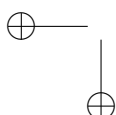


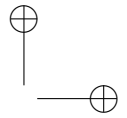
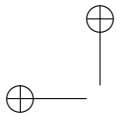
I. As relações diplomáticas entre a Bulgária e Portugal no estudo de Luiz Gonzaga Ferreira, Ex-Embaixador de Portugal na Bulgária

O estudo, intitulado *Portugal-Bulgária, nos extremos da Europa. Relações bilaterais (2004, Sofia, Translibris)*, tendo como co-autor Marieta Georgieva, apresenta as relações diplomáticas entre os dois países durante o período histórico situado entre a Restauração do Estado Búlgaro (3 de Março de 1878, o Tratado de Paz de São Estefano) em consequência da derrota do exército otomano durante a guerra entre a Rússia e o Império Otomano e a restauração da democracia na Bulgária (10 de Novembro de 1989) depois do desmoronamento do Império Soviético.

Os acontecimentos históricos que determinam o desenvolvimento do estado búlgaro durante este período são: a instauração da monarquia, as guerras balcânicas, a I.^a Guerra Mundial, a II.^a Guerra Mundial, a época do comunismo, a restauração da democracia e a adesão à União Europeia.

Em relação a Portugal, o mesmo período não é menos carregado de factos históricos determinantes, entre os quais: o reinado de Dom Carlos I, iniciado em 1889, o Ultimato Inglês, a tentativa de revolução republicana de 31 de Janeiro de 1891, as lutas políticas entre republicanos e monárquicos, a revolta no Ultramar, o assassinio do Rei Dom Carlos, o golpe de estado e a proclamação da República, a ditadura de Salazar, a Grande Guerra, a II.^a Guerra Mundial, as guerras coloniais, a Revolução de Abril e a adesão à União Europeia.





Portugal e Bulgária: aproximação (im)possível dos extremos 5

Apesar da enumeração destes acontecimentos ser incompleta, há que ter em conta as diferenças e semelhanças que existem no desenvolvimento histórico dos dois países.

O trabalho de Luiz Gonzaga Ferreira baseia-se em documentos diplomáticos estudados e citados com o maior rigor. O relato não se limita porém a passar em revista as relações políticas e diplomáticas entre os dois países. Como o próprio autor diz na nota prévia:

“Para além do relacionamento político e económico, o livro colhe uma multitude de acções que nada tem a ver com a política e com a diplomacia, embora essas duas componentes da vida dos povos aparecem beneficiadas e enriquecidas. São relações a nível da sociedade civil, tão importantes quanto aquelas, porquanto lançam alicerces e criam as condições para cimentar de raiz o real relacionamento e o convívio dos povos.” (p. 7)

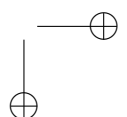
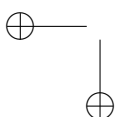
Com base na obra de Luiz Gonzaga Ferreira, tentaremos esboçar o quadro das relações diplomáticas entre os dois países.

Depois da afirmação da Bulgária como reino independente, o Consulado de Portugal em Varna continua a funcionar na dependência administrativa do Consulado-Geral de Marselha. João Baptista Assereto foi confirmado Vice-Cônsul de Portugal.

A Agência Diplomática Italiana foi encarregada de defender os interesses portugueses na Bulgária a partir de 7 de Junho de 1897.

A bandeira portuguesa foi pela primeira vez arvorada em Sofia no dia 28 de Setembro de 1898, dia da celebração do aniversário do Dom Carlos I.

Os primeiros contactos entre diplomatas portugueses e búlgaros tiveram lugar em diversas capitais europeias no quadro de negociações de actos internacionais, como, por exemplo, a Convenção Sanitária celebrada em Paris, a assinatura em Viena das Actas da Conferência Internacional de Paz em 29 de Julho de 1899.



Seguindo o relato de Luiz Gonzaga Ferreira, “um Decreto de 24 de Maio de 1919 promovia o diplomata Martinho Teixeira Homem de Brederode a Chefe de Missão de 2.^a Classe e colocava-o na Legação de Portugal para os Balcãs, com sede e residência em Bucareste” (p. 21). Em 1924 o Ministro Plenipotenciário Martinho Teixeira Homem de Brederode foi acreditado Ministro de Portugal na Bulgária.

Depois da instauração do regime comunista na Bulgária, as relações diplomáticas entre os dois países tornaram-se difíceis. Como refere Luiz Gonzaga Ferreira, “em 1945, o pessoal da Legação búlgara em Lisboa era retirado, sem se dar porém a ruptura das relações diplomáticas” (p. 51). Os interesses búlgaros em Portugal foram representados pela Legação da Jugoslávia em Lisboa. O Consulado de Portugal em Sofia, dependente da Secção Consular da Legação em Atenas, foi encerrado em 1947.

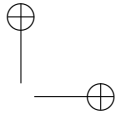
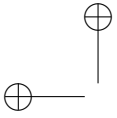
As relações diplomáticas entre os dois países foram restabelecidas só 27 anos mais tarde, em 1974, tendo sido instaladas embaixadas nas capitais Lisboa e Sofia.

Apesar de breve, esta enumeração dos actos diplomáticos, efectuados por parte de Portugal e da Bulgária, baseada no livro de Luiz Gonzaga Ferreira, pode dar-nos uma ideia do diálogo diplomático entre os dois países: um diálogo problemático, evoluindo em contextos históricos distintos, muitas vezes dramáticos.

Várias razões históricas e políticas explicam a fragilidade das ligações entre a Bulgária e Portugal. Vamos mencionar apenas três, mas com grande importância, na nossa opinião:

– a inconstância das relações diplomáticas, várias vezes estabelecidas e interrompidas, ajustadas e reajustadas, o que dificultou a evolução natural da aproximação entre os dois países;

– a colocação da sede dos serviços diplomáticos portugueses fora da Bulgária, num terceiro país como a França (Marselha), a Itália, a Roménia (Bucareste) e a Grécia (Atenas), o que impediu o conhecimento directo do contexto búlgaro dos conflitos históricos.



Portugal e Bulgária: aproximação (im)possível dos extremos 7

Neste sentido, pode-se citar a explicação que deu o General Pétala, antigo Governador Militar de Bucareste, Adido Militar em Sofia antes das guerras balcânicas, ao Ministro Brederode:

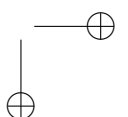
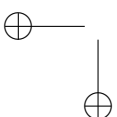
“... o povo búlgaro é muito trabalhador e honesto, mas que os seus políticos são absolutamente megalómanos e que, se pudessem, não só absorveriam todo este Oriente europeu, como também toda a Europa, todo o Mundo.” (p. 24)

Não levantam dúvidas a ignorância e a interpretação hostil da posição política da Bulgária durante as guerras balcânicas, o carácter subjectivo da afirmação e o efeito manipulador possível.

– a fraca actividade por parte da Legação Búlgara em Lisboa. Por exemplo, durante os anos que precedem a extinção das relações diplomáticas entre Portugal e a Bulgária, por causa da implementação do regime comunista na Bulgária, a imagem da Bulgária foi muito pouco promovida em comparação com a da Roménia e a da Hungria. O relato de Luiz Gonzaga Ferreira refere que estes dois países

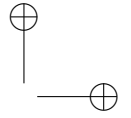
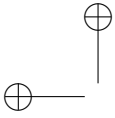
“... tinham colocado um grande número de funcionários nas suas Legações na capital portuguesa, inclusive professores de história, que nos seus contactos com os meios culturais e científicos divulgavam amplamente a literatura e os desenvolvimentos científicos dos respectivos países.” (p. 45)

No mesmo período “a única publicação recebida de Sofia na Legação Búlgara era a revista *Madara*, editada em língua alemã e cuja divulgação não surtia nenhum efeito pelo facto de a maioria dos portugueses não falar aquela língua [...]” (p. 45). Esta situação tem consequências negativas em relação à aproximação entre a Bulgária e Portugal, tendo em vista a indiferença por parte dos portugueses e a desconfiança relativamente às iniciativas do governo comunista búlgaro.



De modo geral, a complexidade do contexto histórico nos Balcãs, a posição ambivalente dos políticos búlgaros nos vários conflitos europeus, a imagem negativa da Bulgária que as grandes potências europeias impuseram, a auto imagem negativa dos búlgaros, a diferença nas orientações políticas e estratégicas de Portugal e da Bulgária determinam as relações diplomáticas pouco desenvolvidas entre os dois países.

A integração na União Europeia por parte da Bulgária e de Portugal cria novas oportunidades de aproximação entre os dois países com base no contexto europeu comum. Portugal apoia a Bulgária desde os seus primeiros passos nos processos de democratização e de adesão à grande família europeia. O então Embaixador de Portugal em Sofia, Luiz Gonzaga Ferreira, acompanha os primeiros anos (1990-1993) deste período de renascimento da democracia na Bulgária, período de tensões sociais e de conflitos políticos graves, de muitas ilusões e desilusões, e relata no seu estudo os momentos mais importantes das relações entre os dois países nos domínios da política, da cultura, do ensino e dos negócios. É essencial salientar o empenho pessoal, profissional e emocional de Luiz Gonzaga Ferreira durante os anos do seu mandato e a importância da publicação do seu estudo para o progresso das relações entre os dois países. O livro termina com a expressão “... da fé firme de que só mediante um sólido conhecimento mútuo, país a país, se poderia alicerçar o futuro comum da Europa” (p. 277).

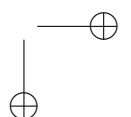
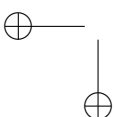


II. O estado da Res-pública em Portugal e na Bulgária

No ano do centenário da República em Portugal, seria interessante fazer uma breve apresentação da ideia republicana e da sua realização nos dois países.

Os valores republicanos de liberdade e de poder do povo aparecem pela primeira vez nos documentos de Vassil Levski, o grande estratega das lutas pela independência da Bulgária do domínio otomano. Estes documentos datam entre 1870 e 1872. A influência das ideias da Revolução Francesa e da Comuna de Paris não levanta dúvidas. Apesar de Bulgária nessa época ser uma mera província do império otomano, as mentes abertas dos revolucionários abraçam as novas ideias. A visão política de Levski baseia-se nos princípios de liberdade e igualdade dos búlgaros nas províncias da Mísia, Trácia, Macedónia e Dobrudja e na tolerância religiosa e étnica de todos os grupos minoritários. O objectivo do movimento revolucionário é a libertação de todos os povos balcânicos e a instauração de uma república balcânica. A doutrina revolucionária de Levski prevê a organização de movimentos democráticos de libertação que excluem qualquer nacionalismo. Tendo em vista que o nacionalismo é a concepção dominante durante os anos 60-70 do século XIX em algumas regiões dos Balcãs, a doutrina de Levski é considerada como claramente liberal.

Nesse período inicial das aspirações republicanas na Bulgária, em Portugal existe já a Carta Constitucional, outorgada por D. Pedro IV, em que alguns dos poderes reais são limitados.



A libertação da Bulgária advém da consequência da guerra entre a Rússia e o Império Otomano. A assinatura do tratado de paz de São Estéfano de 19 de Fevereiro (3 de Março) de 1878 marca o início da restauração do Estado Búlgaro. Sob a influência da Rússia, o novo estado adopta o regime monárquico. Elabora-se a primeira constituição, inspirada no modelo da Constituição da Bélgica, a mais liberal daquela época. Fernando de Saxónia Coburgo-Gota, Fernando I, é o primeiro rei (tzar) do novo estado búlgaro. Portanto, as ideias republicanas e os valores democráticos que inspiram Vassil Levski e os revolucionários búlgaros não se concretizam naquele tempo.

Entretanto, em Portugal, Dom Carlos I iria ser o penúltimo rei. Todo o seu reinado enfrenta acontecimentos dramáticos, como por exemplo, o Ultimato Inglês, lutas internas políticas e sociais que assinalam o fim de um regime e a necessidade de mudanças profundas. Uma primeira manifestação desta necessidade é a tentativa de revolução republicana de 31 de Janeiro de 1891. Esse período de instabilidade e de tensões entre republicanos e monárquicos desemboca no assassinio do Rei Dom Carlos, no dia 1 de Fevereiro de 1908. A imprensa búlgara e europeia não hesita em expressar a sua indignação pelo atentado em Lisboa. Segundo o relato de Luiz Gonzaga Ferreira, “em Sofia celebravam-se missas fúnebres na capela do palácio e na igreja católica São Luis em Plovdiv, no dia do funeral” (p. 17).

Os acontecimentos ocorridos em Portugal entre Junho e Setembro de 1910 têm uma forte repercussão na sociedade e nos meios políticos búlgaros. O jornal *Mir*, órgão do Partido Popular, publica no dia 29 de Setembro de 1910 um artigo, intitulado “A revolução em Portugal”. É interessante dar a conhecer como o autor do artigo explica o sucedido em Portugal:

“A que se deve a revolução em Portugal?! Sem dúvida nenhuma à má governação a que a população tem sido exposta de há anos para cá.” (p. 19)

Esta opinião oficial da imprensa búlgara indica claramente a grande diferença entre os dois países em relação ao republicanismo. Quando Portugal aplaude a sua Primeira República (proclamada no dia 5 de Outubro de 1910, isto é, só alguns dias depois da publicação referida no jornal *Mir*), a Bulgária deplora “a má governação” do soberano e o fracasso da monarquia.

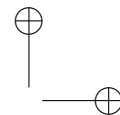
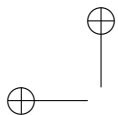
O regime monárquico na Bulgária continua até 1946, quando o país entra na órbita da União Soviética. O referendo de 8 de Setembro do mesmo ano marca o início da República Popular de Bulgária. Contudo, o resultado dos votos a favor – 91,63%, é altamente duvidoso, mas nesse momento não há nenhuma tentativa de pô-lo em causa. O regime totalitarista com todo o poder político concentrado num só partido, o Partido Comunista, permanece até 1989 quando a democracia é restaurada.

Hoje em dia, a consolidação da democracia é o principal objectivo dos políticos e da sociedade búlgara. A tolerância étnica e religiosa é a visão essencial dos programas políticos de todos os partidos. Portanto, as ideias republicanas e democráticas de Levski e os seus ideais liberais continuam bem vivos no espírito dos políticos búlgaros e do povo. Não será exagerado dizer que uma consequência do legado de Levski é o facto de a Bulgária constituir um exemplo de paz étnica nos Balcãs e no espaço europeu comum.

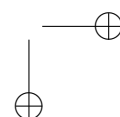
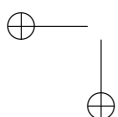
Em Portugal, o regime autoritário do Estado Novo manteve-se até 25 de Abril de 1974. Depois dessa data, embora com alguma hesitação, a democracia vai consolidando-se, a sociedade abraça os valores democráticos.

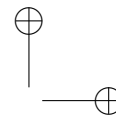
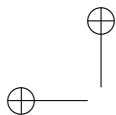
Este olhar rápido sobre a história moderna de Portugal e a da Bulgária, permite, contudo, arriscar a conclusão de que a tradição republicana nos dois países se encontra estigmatizada pela ditadura.

A integração na União Europeia e as relações com as velhas democracias abrem novas perspectivas para a afirmação da sociedade civil e a estabilização da democracia em Portugal e na Bulgária



e para um conhecimento mútuo mais aprofundado dos povos. As diferenças no desenvolvimento histórico podem servir de base de reflexão e de investigação sobre o contributo dos dois países para a história e o futuro do continente europeu. O espaço europeu põe à disposição um contexto alargado que muitas vezes projecta uma nova luz sobre alguns acontecimentos históricos nacionais e possibilita uma nova interpretação dos mesmos.





Bibliografia

Obras consultadas:

Dicionário Ilustrado de História de Portugal (1993). Lisboa: Edições Alfa.

Guentchev, Nikolay (1987), *Vassil Levski*. Sofia: Sofia Presse.

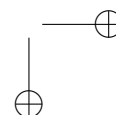
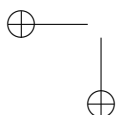
Konstantinov, Petar (1997), *Istoria na Bulgária, 681-1996*. Sofia: Editora Karina M.

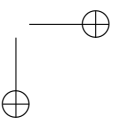
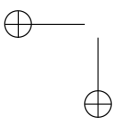
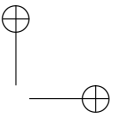
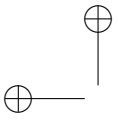
Marques, A. H. de Oliveira (2001), *Breve História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença.

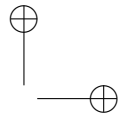
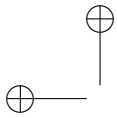
Soares, Mário (2009), *Elogio da Política*. Lisboa: Sextante Editora.

Obra referida:

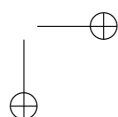
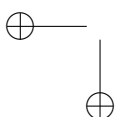
Gonzaga Ferreira, Luiz & Georgieva, Marieta (2004), *Portugal-Bulgária, nos extremos da Europa. Relações bilaterais*. Sofia, Translibris. (as páginas, indicadas depois das citações reportam-se a esta obra).

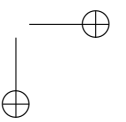
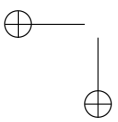
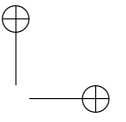
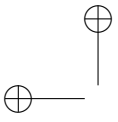


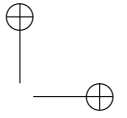
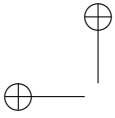




Zlatka Timenova-Valtcheva é Professora Auxiliar na Universidade Lusófona de Lisboa. Leciona Língua e Cultura Francesas, Teoria da Literatura e Traductologia. Defendeu uma tese de doutoramento sobre a problemática do silêncio no texto literário. Os seus interesses de investigação abrangem as áreas seguintes: linguística do texto, literaturas comparadas, teoria da tradução. Tem publicações em revistas especializadas e em volumes coletivos de crítica da literatura. Duas das publicações mais recentes encontram-se nas revistas: *Pragmalingüística* (Universidad de Cadiz, n.º 17, 2009) e *Verbum-Analecta Neolatina*, XI/2009.







Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projecto “Projecto Estratégico – UI 77 – 2011-2012”

